



## DESAMOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE LÍVIA NATÁLIA: A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA NO INTERDITO DOS VERSOS

Joelia de Jesus Santos<sup>1</sup>

*Universidade Federal da Bahia (UFBA)*

### RESUMO

O presente trabalho analisa o discurso amoroso na obra *Dia bonito pra chover* (2017), da poeta baiana afro-brasileira Lívia Natália, enfocando o desamor enquanto ausência de amor-afeto. Objetiva-se com esse estudo, discutir a relação entre desamor e mulher negra, a partir dos poemas da autora citada. Levando em consideração a subjetividade afro-brasileira da poeta, a análise em voga estabelece relação entre a vivência amorosa do eu-lírico e a solidão da mulher negra, a fim de refletir sobre o amor-eros para além da ficção. Nesse sentido, compreendendo o amor enquanto uma construção sociocultural, no presente artigo, os poemas de Lívia foram analisados de modo a contrapor a noção de amor romântico, uma vez que, em seus textos poéticos, a poeta baiana o (re)significa mostrando a sua finitude e ideologização. Tendo caráter bibliográfico, tal investigação teve como base referencial estudos de autores como: Moraes (2019), Costa (1998), Ferreira (2004), Pacheco (2013), etc.

**Palavras-chave:** Desamor. Lívia Natália. Mulher negra.

### ABSTRACT

This paper analyzes the discourse of love in the work *Dia bonito pra chover* (2017), by the Afro-Brazilian poet Lívia Natália from Bahia, focusing on unrequited love as an absence of love and affection. The aim of this study is to discuss the relationship between unrequited love and Black women, based on the poems of the aforementioned author. Taking into account the Afro-Brazilian subjectivity of the poet, the analysis establishes a relationship between the amorous experience of the lyrical self and the solitude of the Black woman, in order to reflect on erotic love beyond fiction. In this sense, understanding love as a sociocultural construct, in this article, Lívia's poems were analyzed in order to contrast the notion of romantic love, since, in her poetic texts, the poet from Bahia (re)signifies it, showing its finitude and ideologization. This research, being bibliographic in nature, was based on studies by authors such as: Moraes (2019), Costa (1998), Ferreira (2004), Pacheco (2013), etc.

**Keywords:** Heartbreak. Lívia Natália. Black woman.

### INTRODUÇÃO

O trabalho em voga analisa como o desamor se reverbera no discurso amoroso de Lívia Natália, poeta e professora da Universidade Federal da Bahia, especificamente em seu livro *Dia*

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa na Educação básica da Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC/BA). Doutora em Literatura e Cultura, na linha Estudo de Teorias e Representações Literárias, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestra em Crítica Cultural (Pós-Crítica), na linha Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: josantos\_17@hotmail.com



*bonito pra chover*. Publicada em 2017 pela editora Malê, a obra analisada aborda a questão do amor sob diversas perspectivas, mas para esse trabalho, nos interessa pensar o desamor enquanto ausência de amor-afeto e a sua relação com o que se convencionou chamar de “solidão da mulher negra”<sup>2</sup>. O objetivo da análise sob esse ponto de vista é entender de que maneira a narrativa poética de Lívia, que tem um caráter ficcional, exprime uma vivência amorosa que em certa medida dialoga com o conceito de escrevivência, cunhado pela intelectual e escritora Conceição Evaristo, no que diz respeito as experiências de preterimento que mulheres fenotipicamente afrodescendentes compartilham, possibilitando estabelecer relações que transcendam o discurso literário.

Embora a poeta Lívia, ao escrever, não estabeleça uma relação direta entre o desamor representado em seus versos e a solidão da mulher negra, sendo a autora de *Dia bonito pra chover* uma poeta afro-brasileira, ao abordar esse tema, ela acaba ficcionalizando uma experiência de desamor que suscita o debate sobre a constituição das relações afetivas e amorosas do grupo supracitado. A poeta, como uma tecelã, no ato de costurar palavras e sentidos, deixa a relação entre mulher negra e amor no interdito de seus versos, sendo incumbência do leitor captar as informações implícitas para juntamente com a autora, construir significados. Além disso, o texto *Eu mereço ser amada*, publicado no site *Favela Potente*, em 2016, um ano antes de ser publicado o livro em análise, evidencia o interesse da poeta de abordar a temática em seu projeto literário, mesmo que indiretamente.

Os poemas analisados ao longo deste artigo evidenciaram que, para determinados sujeitos, e, isso inclui as mulheres negras, amor é uma promessa não cumprida, uma espera sem fim, ou um encontro fortuito que termina em desenlace. Essa vivência amorosa que contrapõe o ideal de amor romântico difundido nas literaturas de modo geral, a poeta chama de desamor. Dessa maneira, para compreender o discurso amoroso de Lívia Natália por essa perspectiva, foi necessário pensar o amor enquanto uma construção social e cultural, conforme Jurandir Costa (1998) e Stuart Hall (2014) propõem.

Além disso, para que a articulação entre desamor e mulher negra fosse possível, o artigo de Beatriz Nascimento, *A mulher negra e o amor*, publicado no *Jornal Maioria Falante*, em 1990, e republicado no livro *Vozes insurgentes de mulheres negras* (2019), bem como a tese de doutorado de Cláudia Pacheco, *Mulher negra: afetividade e solidão*, compôs o aporte teórico do presente trabalho. Autores como Dax Moraes (2019) e Nádia Ferreira (2004), também foram fundamentais para (re)significar o amor-eros ou amor-paixão que é representado nos poemas de Lívia Natália, a partir da noção de conjugalidade.

## 1 A FICCIONALIZAÇÃO DO DESAMOR: MULHER NEGRA E O AMOR-EROS

Em 2016, um ano antes de publicar o livro *Dia bonito pra chover* (2017), a poeta e professora Lívia Natália publicou o texto intitulado *Eu mereço ser amada*, no site *Favela Potente*. Nesse texto, ela aborda a experiência do desamor entre as mulheres negras, as quais, na sua avaliação, estando inseridas em uma cultura sexista e machista, não foram criadas como seres dignos de dedicação amorosa. E, muitas vezes, acrescenta Lívia, as próprias mulheres negras não se veem como sujeitos dignos de amor. Essa percepção que as mulheres negras têm de si mesmas é consequência do processo de escravização, quando a possibilidade de constituir ligações afetivo-familiares ou a

<sup>2</sup> Embora seu sentido seja abrangente, compreendendo o ambiente de trabalho, em que a mulher negra pode ser a única; a rejeição por parte de colegas ou dificuldade de se sentir representada nas grandes mídias, o foco deste estudo será a solidão afetivo-sexual do segmento feminino em destaque.



vivência do romance era limitada, uma vez que, conforme atesta Isabel Reis (1998), os sujeitos escravizados pertencentes a uma mesma família eram separados com frequência e das mais variadas formas.

Durante o regime escravocrata, segundo pontuou a intelectual afro-americana bell hooks<sup>3</sup> em seu texto *Vivendo de amor*<sup>4</sup> (2010), a sobrevivência dos escravizados estava muitas vezes determinada por sua capacidade de reprimir as emoções. No contexto brasileiro não era diferente, de acordo com Isabel Reis (1998), os escravizados que “permaneciam em cativeiro quase sempre tinham dificuldades para preservar e cultivar suas relações amorosas, principalmente se tratando de escravos pertencentes a diferentes senhores” (Reis, 1998, p. 65). Portanto, concordando com Lívia Natália, a experiência do amor romântico foi roubada dos sujeitos afrodescendentes, em particular, das mulheres negras. Por isso, defende que, “enquanto muitas mulheres brancas querem a emancipação absoluta, inclusive do envolvimento amoroso, nós ainda precisamos do exercício do afeto, nós não aprendemos a amar” (Favela Potente, 2016).

Isso explica porque o desamor permeia o discurso amoroso na poética de Lívia Natália, não só em *Dia bonito pra chover*, obra em análise, mas também nos livros *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015) e *Água Negra e Outras Águas* (2017). Não tendo aprendido a amar e não sendo pensada como sujeito digno de amor, em vez de uma experiência amorosa afetivo-sexual, a mulher negra experiencia o desamor. O psicanalista Jurandir Costa entende que o amor é “uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento [...]” (Costa, 1998, p. 12). Portanto, é uma construção cultural. Nesse sentido, as significações atribuídas ao amor são forjadas na e pela cultura.

O sociólogo jamaicano Stuart Hall afirma que “cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos – o compartilhamento de significados – entre os membros de um grupo ou sociedade” (Hall, 2016, p. 20), e quando dizemos que o amor é cultural, estamos destacando que temos uma compreensão compartilhada do que ele seja. Desse modo, segundo Jurandir Costa (1998), nenhum de seus constituintes afetivos é fixo por natureza, portanto, nossas convicções amorosas podem ser aperfeiçoadas, assim queiramos. Nessa linha de raciocínio, para esse autor, três afirmações sustentam o credo amoroso dominante:

O amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas; 2) o amor é um sentimento surdo à voz da razão e incontrolável pela força da vontade e 3) o amor é condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar (Costa, 1998, p. 13).

A compreensão acerca da temática, consoante o fragmento transscrito, revela uma visão elementar, desvinculada dos fatores sociais, raciais, culturais e históricos que determinam as vivências amorosas de cada indivíduo. As definições apresentadas refletem um entendimento crítico a respeito de um tema complexo, ao apresentar o amor como sentimento, de cunho universal, por ser partilhado por muitos ou todos. De caráter natural, negando que ele seja

<sup>3</sup> A grafia em minúsculo é em respeito a escolha da própria intelectual, que grava seu pseudônimo dessa forma como um ato político para enfatizar as ideias defendidas.

<sup>4</sup> Trata-se de um texto em que bell hooks esboça suas primeiras ideias sobre o amor e publica no ano 2000. O portal Geledés fez a reprodução em 2010, por isso optou-se em destacar o ano de referência da fonte acessada para compor a pesquisa.



construído de forma histórico-cultural e, portanto, preexiste e independe da vontade ou de escolhas racionais. Logo, segundo Jurandir Costa (1998), afirmar que o amor é universal e natural é uma maneira de maximizar o seu teor de idealização, de modo a torná-lo vital na conquista da felicidade.

Contrariamente à ideia da instintividade, o psiquiatra brasileiro aduz que não amamos porque a natureza assim o exige, o que explica a razão de o eu-poético do poema intitulado “Dos descaminhos”, de autoria da poeta Lívia Natália, experienciar o desamor, como pode-se notar nos versos transcritos:

Chorei, como todas as mulheres choram,  
bebendo das lágrimas o sal.  
Vivi do desamor a cena triste  
que a dúvida tece e o silêncio reforça.  
Segui o destino, cumprindo a sina.  
[...]

Fui irmã das putas que se apaixonam e abortam,  
das virgens que se jogam ao mar  
como Ofélias ensandecidas.  
Fui a bêbada que gritava nomes imundos,  
dos mais sujos,  
eu disse: amor.

Sentei-me como a louca vestida de noiva  
e tecí enxoval negros  
enquanto esperava o amor.  
Toda noite era outro desabrigó,  
uma ausência estrondosa  
e vasta.  
[...]

Enviuvada e envilecida,  
cosi e descosi o manto triste:  
E o milagre do amor se negava.  
Gastei a palavra, retendo o gesto.  
Cacei o amor nas dobras dos corpos  
– tudo inútil –  
só achei as rutilâncias da incerteza (Natália, 2017, p. 43-44).

O eu-lírico do poema ao destacar que chora como qualquer outra mulher, para em seguida apresentar a razão de seu choro, parte da generalização com o intuito de abordar uma especificidade: a experiência do desamor. Dessa maneira, conforme evidenciam os dois últimos versos da primeira estrofe, consegue individualizar a solidão afetivo-sexual, embora fora do contexto poético tal infortúnio resvale em uma coletividade de mulheres.

As referências presentes na estrofe seguinte, a exemplo de “putas, virgens e Orfélia”, no contexto da narrativa poética indicam que o sujeito feminino enunciador deseja a vivência do amor-erótico, entretanto experimenta um contínuo desabrigó. O amor não chega ao eu-lírico justamente pelo fato de não ser natural, universal e despropositado, como comumente o concebemos. Segundo Jurandir Costa (1998), amamos com razões e julgamentos, a racionalidade está presente no ato de amar. Para ele, “amar é deixar-se levar pelo impulso passional incoercível, mas sabendo quem ou que pode e deve ser eleito como objeto de amor” (Costa, 1998, p. 17). O eu-poético do poema



denominado “Dos descaminhos”, nesse sentido, compartilha com as mulheres negras destino semelhante.

A pesquisadora Claudete Souza (2008) ao discutir a solidão da mulher negra, subjetividade e preterimento, a partir de estudo de caso realizado na cidade de São Paulo, buscou identificar a forma que o referido segmento vivencia o amor-erótico. Os resultados mostraram que esse grupo era preterido nas escolhas afetivas, tanto por homens negros quanto por homens de outras etnias, em virtude dos efeitos do racismo. Infelizmente, de acordo com a autora, ainda há um prolongamento da realidade vivida durante o regime escravista, mesmo com as mudanças ocorridas ao longo do último século, pois mulheres negras continuam em desvantagens na escala social.

Os estereótipos sexuais, legado do racismo, por exemplo, interferem na constituição de relacionamentos amorosos mais estáveis, uma vez que difundem a ideia de ser a mulher negra propícia para encontros casuais, visando a obtenção de prazer sexual, em vez de casamento sólido. Relatos produzidos pela acadêmica Elaine Fernandes (2018) em sua pesquisa de mestrado, também caminham para apontamentos sobre esse lugar de disponibilidade para o sexo. De acordo com Fernandes, apesar de ansiar pelo amor, tal qual o eu-lírico de “Dos descaminhos”, ela observou que uma das vias pelas quais a afetividade das mulheres negras se orienta, é por meio da demanda sexual.

À luz do pensamento de Silvio Almeida (2019), a solidão da mulher negra reflete a face política do racismo, do ponto de vista da organização da sociedade. Desse modo, “os afetos são, inexoravelmente, perpassados pelo racismo” (p.41), posto que se constituem por “padrões de clivagem racial inseridos no imaginário e em práticas sociais cotidianas” (p.41). Logo, o amor apresentado por Lívia Natália, paradoxalmente, conserva a conceção de relacionamento romântico sem reforçar o ideal de romantismo consolidado na tradição ocidental, já que o apresenta enquanto algo construído em uma dada conjuntura.

Sob esse mesmo prisma, no poema “Canção”, a poeta explora a solidão apresentando um sujeito lírico que deseja encontrar o par amoroso, mas tem a si mesma como companhia, vivendo uma longa espera por um amado, cujo rosto desconhece, por ser apenas uma quimera. Assim como no primeiro texto, não existe elementos raciais descrevendo a voz feminina que se enuncia, porém em comum com mulheres negras há essa solidão<sup>5</sup> incômoda e involuntária, contra a qual luta, porém em vão, conforme indica os versos abaixo.

O que foi feito de todas as palavras  
que eu fiz em finos bordados  
enquanto, à beira da vida,  
te esperava atravessar os anos?

Alguém me disse que você viria  
e eu enrubescei os lábios e o corpo,  
mas seu navio estancou noutro tempo,  
num porto 20 anos antes do meu.

E meus lábios penderam rubros,  
meu corpo colecionou insutilidades.  
Meu coração envelheceu de esperas  
e devorou o fundo do mar.

<sup>5</sup> Solidão remete a dor e sofrimento por ser ou sentir-se sozinho, por razões externas, por isso não se confunde com solidez, que se trata de um estado voluntário, prazeroso.



Seus passos de Água, se caminham,  
não vejo. Diluem-se enquanto andas  
dentro desta pele de peixe  
e levas, e nem sei se sabes,  
a barriga prenhe de naufrágios (Natália, 2017, p. 25).

Centrando-se na ideia de conjugalidade, Lívia Natália representa o desamor de modo a problematizar a ausência do objeto amado, mostrando que o cerne da questão passa pelo direito da escolha. Decerto, não interessa a poeta avivar a ideia machista de que mulher precisa estar em um relacionamento amoroso para sentir-se completa, porém, evidenciar que quando esse mesmo sujeito gostaria de viver um amor a dois, mas experimenta regularmente a solidão, o que soa inofensivo, torna-se cruel à medida que pode destruir a autoestima e saúde emocional da mulher.

No poema, o eu lírico após uma longa espera por alguém que a amasse, vê-se desiludida, como pode-se notar no conjunto dos versos da última estrofe de “Canção”, especialmente o fragmento “barriga prenhe de naufrágios”, evidenciando que assim como as mulheres negras, para ela, nega-se o amor. Segundo Nadiá Ferreira (2004), amar coloca em cena dois lugares: sujeito (amante) e objeto (amado), e no poema “Canção” a ausência do objeto amado quebra essa dinâmica. Vale ressaltar que, embora os poemas transcritos não façam menção direta à experiência de desamor das mulheres negras, fica interdito essa relação pela própria subjetividade da poeta, visto que,

é da natureza bastante factícia do literário a possibilidade de ocultar no momento mesmo em que parece expor, ao escrever. Em ficção, um segredo pode ser velado no ato de revelar outra história, pois os enunciados literários têm no mínimo um duplo registro, ou antes, uma dupla face: são bastante legíveis, por um lado, mas bastante cifrados, por outro (Nascimento, 2014, p. 29).

Em entrevista publicada no periódico Estudo de Literatura Brasileira Contemporânea, Lívia Natália destaca que ser autora negra demarca o lugar de onde fala. Segundo suas palavras, poderia ser simplesmente escritora, sem se comprometer de maneira nenhuma com todas as questões raciais, “mas essa não sou eu. Não seria o que Lívia Natália é. O que eu sou é uma mulher negra escrevendo (p.282, 2017)”. Portanto, mesmo que não aborde diretamente as questões relativas ao racismo, de alguma maneira, o seu texto é racialmente marcado pelo lugar de fala, por isso que, mesmo sem indicar explicitamente, o desamor nos poemas da poeta baiana suscita a solidão da mulher negra.

O desamor é parte da vivência de mulheres negras, segundo revela Cláudia Pacheco (2013) em sua tese de doutorado, na qual afirma que “enquanto algumas correntes do feminismo criticavam o casamento formal, a constituição de família, as mulheres negras falavam de “solidão” e da ausência de parceiros fixos” (Pacheco, 2013, 27). Então, a poesia de Lívia Natália exprime essa verdade, mas de modo ficcional.

As mulheres negras expericiam o desamor da forma como aparece nos poemas, respectivamente denominados “Dos descaminhos” e “Canção”, porque é sobre o “ato de amar e ser amada que se alojam as hierarquias sociais prescritas e as representações elaboradas a respeito do corpo da negra/mestiça, estruturando suas escolhas e sua afetividade” (Pacheco, 2013, p. 28). Dialogando com a afirmação feita por Pacheco (2013), o artigo *A mulher negra e o amor* (1990), da



intelectual Beatriz Nascimento, reforça essa relação entre racismo e afetividade. Neste texto, a intelectual mencionada defende que a desvantagem socioeconômica da maioria das mulheres, repercute nas suas relações com o outro sexo e, as mulheres negras quando escapam dessa condição de desvantagem, variadas gamas de discriminação racial dificultam os encontros que poderiam ter, seja com homens pretos, seja de outras etnias.

Ainda, segundo a perspectiva de Beatriz Nascimento (1990), convivendo em uma sociedade pluriracial, que privilegia padrões estéticos femininos como ideal de um maior grau de embranquecimento, para a mulher negra o trânsito afetivo é extremamente limitado, por essa razão, tal qual o eu-lírico dos poemas supracitados, experiencia o desamor. Diante disso, “nesse contexto em que se encontra cabe a essa mulher a desmistificação do conceito de amor, transformando este em dinamizador cultural e social (Nascimento, 1990, p 115). Essa desmistificação do amor proposta por Beatriz será melhor abordada no tópico seguinte, também partindo dos poemas de Lívia Natália.

## 2 O CORPO DESFEITO DE AMOR: UM CONTRAPONTO AO AMOR ROMÂNTICO

Tomando como base o estudo sobre representação realizado por Stuart Hall (2014), pode-se inferir que o amor é um signo cultural, cujo significado foi convencionalmente construído, uma vez que, “o sentido não está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos na palavra. Somos nós quem fixamos o sentido tão fortemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável (Hall, 2014, p. 41). Em virtude de ser um conceito forjado pelos membros de uma dada cultura, segundo Jurandir Costa (1998), amamos ideologicamente como escrevemos livros, entretanto, para esse autor, isso não torna o amor irrelevante, torna-o apenas humano.

Entendendo o amor a partir desse prisma, passa haver a desmistificação do amor romântico, “fundamentalmente sentimental” (Moraes, 2019, p. 79). O amor romântico, conforme Dax Moares (2019), só acontece na vida de afortunados e uma única vez, pois só se pode senti-lo pelo perfeito, que se não encontrado, significa estar privado da única chance de ser feliz. Esse conceito de amor, “atravessou milênios e permanece, até hoje, na idealização do objeto de amor como alma gêmea” (Ferreira, 2004, p. 10). Dessa maneira, justamente por ser uma idealização, o amor romântico é um mito a ser desconstruído.

Na textualidade poética de Lívia Natália o amor romântico é desmistificado à medida que a autora coloca em cena o desamor, entendido aqui, “como negação e como ausência amorosa” (Souza, 2000, p. 4), seja para mostrar que para determinados sujeitos o amor é uma promessa não cumprida, seja para relacionar o amor não apenas à felicidade, mas também à dor. Além disso, contrapondo o ideal de que o amor uma vez encontrado, dura para sempre, a poeta expõe a finitude do relacionamento amoroso, evidenciando que, às vezes, mesmo o amor chegando, para alguns sujeitos, não perdura, conforme pode-se constar no poema “Desenredo”:

O amor acaba num  
final de tarde,  
assim, antes das seis,  
frente ao espelho enquanto se passa o batom.

O amor acaba.

Ele pode acabar quando a gente acorda e tudo  
[que vê é outro corpo



– denso –

Dormindo alheio ao desamor que chegou de mala  
[e cuia.  
[...]

O amor acaba nalgum espaço bruto  
entre a tua boca grossa e seu nariz imenso  
que não sente, no ar,  
a falta que o amor agora faz.

Amor decorava tudo.  
banhava casa e cama,  
e coloria seus caminhos  
como uma divindade estranha e bondosa.

Agora não mais.  
Acabou.

Como acabam, do dia, as horas.  
Como esta tua vida, da qual calculas o fim.  
Acaba comigo, sem sinto, no banco da frente  
[escrevendo um poema].

O amor acaba apesar da beleza que insiste no mundo (Natália, 2017, p.53-54).

Em “Desenredo”, a solidão aparece sob a perspectiva da ruptura, de modo que a finitude do amor corrobora com a ideia de que o laço amoroso produto de construção humana. Como tal, pode ser desfeito nas circunstâncias descritas nos versos, revelando que os relacionamentos se constituem cotidianamente de “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” (hooks, p. 15, 2020), elementos que segundo a intelectual afro-americana, são a base de todo e qualquer tipo de amor.

O poema descreve um relacionamento heterossexual, trazendo um eu lírico com outra vivência, diferente daquele presente em “Dos descaminhos” e “Canção”, porém os três textos possuem algo em comum: o objeto de amor está ausente. Essa ausência se anuncia, primeiro, pela impossibilidade de vincular-se afetivamente a um homem, segundo, pela fragilidade das relações construídas. Porém, em ambas situações, a mulher não tem poder de decisão, conforme indica o verso “Ele pode acabar quando a gente acorda”.

Os versos “Amor decorava tudo./banhava casa e cama,/e coloria seus caminhos/como uma divindade estranha e bondosa”, além de evidenciar uma dependência emocional do sujeito poético, manifesta o arquétipo da dona de casa, denotando que, às vezes, mesmo em um relacionamento, a solidão persiste. Desse modo:

Ao ser entendido como uma construção social com um ónus cultural significativo, o amor aparece agora enunciado não como uma inevitável peça do destino, mas como uma teia de relações sociais de poder, cujas dinâmicas estão na origem da desigualdade, da discriminação e da violência (Neves, 2007, p. 620).

Então, para a poeta Lívia Natália o amor acaba e, em alguns casos, pode ser libertador, um exemplo disso é o próprio eu-lírio do poema “Desenredo”, porque sendo uma construção social e cultural, o amor também reproduz as hierarquias sociais, de gênero, classe e raça, em vigor na



sociedade. Por isso, segundo Sueli Carneiro (2003), a hegemonia da branquitude no imaginário social e nas relações sociais concretas, acaba resvalando na afetividade e sexualidade das mulheres negras. A pesquisa de Cláudia Pacheco (2013) dá provas disso ao trazer relatos de mulheres afro-brasileiras que, por razões variadas, vivenciam o desamor tanto por não conseguirem manter relações afetivas duradoras, quanto por não encontrarem parceiros que as queiram da maneira como são.

Nessa perspectiva, o corpo desfeito de amor experiencia o desamor de forma intensa, pois, ao encontrar o amor e perdê-lo, perde junto a ilusão que o mito do amor romântico proporcionava, com isso, em vez da felicidade, passa a ser consumido pela dor. O corpo desfeito de amor, conforme está expresso no poema intitulado “Depois da noite”, sofre a dor do desenlace, do término amoroso. No poema citado, a dor do eu-lírico resulta do desamor, do desencontro entre amante e amado, e como se trata de uma dor afetiva, não tem remédio, sendo, portanto, impossível que a voz narrativa não tenha seu âmago dilacerado, tal qual nota-se:

[...]  
Agora que todas as dores sangram,  
resta o corpo desfeito de amor,  
a posta restante da cama,  
a insônia e o silêncio.

Não há voz que troveje pela casa,  
os diários apenas contam as horas  
e o passado entrelaça as mãos  
embalando a dor miúda e sem remédio (Natália, 2017, p. 19)

De acordo com o psicanalista argentino Juan-David Nasio, essa dor extrema que o eu-lírico sente, no registro dos sentimentos humanos, “é o derradeiro afeto a última crispação do eu desesperado, que se retrai para não naufragar no nada” (Nasio, 1997, p. 12). A respeito disso, em seu texto *Eu mereço ser amada*, Lívia Natália faz a seguinte afirmação: “precisamos compreender que nossas lágrimas precisam ter lugar, nossas angústias, sejam elas quais forem, precisam ser ouvidas por nós mesmas, calar a dor é sofrer duas vezes” (Favela Potente, 2019). Depreende-se, com isso, que ao fazer transparecer a dor do corpo defeito de amor, a poeta contrapõe o amor romântico, mostrando que o amor pode trazer felicidade, mas também infelicidade, pode ser duradouro e também repentino; ainda, retira o eu-lírico do lugar do silêncio a fim de que possa revelar o seu eu-interior.

Na sua dissertação sobre a literatura de Lívia Natália, a pesquisadora Camila Carmo afirma que “os afetos que pedem passagem nos poemas de amor da poeta Lívia Natália dizem de lágrimas e despedidas, mas também tecem camadas em que o amor produzido por mulheres negras está envolto da vontade de compartilhar em multiplicidades” (Carmo, 2019, p. 68). Então, para a poeta Lívia Natália, falar de amor significa compartilhar experiências afetivas que não estão mais no plano individual, mas no plano coletivo, porque ao falar de si, a poeta acaba inscrevendo o nós. É nesse sentido que afirmamos existir uma relação entre a experiência de desamor ficcional presente nos poemas analisados e a experiência de desamor das mulheres negras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



O discurso amoroso da poeta Lívia Natália traz para a cena literária a questão do desamor, que diz respeito a ausência de amor configurada na espera pelo objeto amado que fica somente no plano do desejo, e na finitude da relação amorosa, que ao acabar, deixa o vazio. Conforme foi possível verificar com a análise realizada, a poeta tematiza o amor de modo a (re)significá-lo, pois lhe interessa problematizar a noção de amor romântico e o caráter natural e universal do amor, apresentando-o, desse modo, enquanto uma construção sociocultural.

Escrever sobre ao amor, para Lívia, é uma maneira de inscrever a emocionalidade negra na literatura e problematizar a solidão afetiva que determinados sujeitos, incluindo as mulheres negras, experenciam, por ser o amor seletivo e ideológico, conforme pontuou Jurandir Costa (1998). Além disso, escrevendo sobre o amor a poeta acaba promovendo uma discussão sobre relacionamento amoroso e racismo, mesmo sem fazer referência explícita ao signo da negritude.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco: 1998.

FERNANDES, Eliane Gamas. **A cor do amor: o racismo nas vivências amorosas de mulheres negras**. 105 f. 2018. Dissertação: (Mestrado em Psicologia) – universidade Federal de Rondônia, Porto Velho

FERREIRA, Nadiá Paulo. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e Wiliam Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC: Apicuri, 2016.

HOOKS, bell. **Vivendo de amor**. Disponível em:  
<http://www.olibat.com.br/documentos/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf> Acesso em 25/08/2020.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

MORAES, Dax. **História filosófica do amor: ensaio para uma nova compreensão da essência do amor humano**. Natal: EDUFRN, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. In: SANTANA, Bianca (Org.). **Vozes insurgentes de mulheres negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2019, p. 111-115.

NASCIMENTO, Evando. Introdução: A literatura à demanda do outro. In: DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Tradução de Marileide Dias. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. P. 7-42

NATÁLIA, Lívia. **Eu mereço ser amada**. Favela Potente, 2016. Disponível em:  
<https://favelapotente.wordpress.com/2016/04/11/eu-mereco-ser-amada/>

NATÁLIA, Lívia. **Dos descaminhos**. In: *Dia bonito pra chover*. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 43



NATÁLIA, Lívia. **Canção**. In: *Dia bonito pra chover*. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 25

NATÁLIA, Lívia. **Desenredo**. In: *Dia bonito pra chover*. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 53

NATÁLIA, Lívia. **Depois da noite**. In: *Dia bonito pra chover*. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 19

NEVES, Ana Sofia Antunes das. **As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor**: a caminho do “amor confluente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 609-627, setembro-dezembro/2007.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra**: afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **Histórias de vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX**. 130 f. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOUZA, Maria Salete Daros de. **Desamores na ficção contemporânea**: a destruição do idílio familiar. 184 f. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo**. 174 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.